

Travessia por imagem ou tribulações de um escritor fora e dentro de Angola

Luiz Maria Veiga¹

“[...] da minha quarta classe ainda hoje escrevo sem erros, sei os rios e afluentes de Portugal, caminhos-de-ferro, dinastias, reis e cognomes, o meu rei preferido ainda é o D. Sebastião, o desejado...” // “Porquê essa preferência?” // “Porque era um miúdo de quinze anos, foi chefiar uma guerra contra os infiéis e nunca mais voltou.” // “E quem eram os infiéis?” // “Ai menino Zito, com essas perguntas! Quem lhe dera que o seu rei saísse e nunca mais voltasse, ah! Ah! Ah! Ah! desculpe...” (RUI, 2012, p. 385)²

Há, na já extensa bibliografia assinada por Manuel Rui, um conjunto de obras que podem ser destacadas por sua extensão, por seu fôlego, pelo painel da sociedade angolana pós-independência que oferecem ao leitor. São obras que mais propriamente podem ser chamadas romances, por sua abrangência e complexidade.

O primeiro deles é *Rioseco* (1997) que acontece no Mussulo (próximo a Luanda, mas não em Luanda) ainda nos tempos da República Popular e da “guerra dos movimentos”, como diz um personagem. Depois temos *O Manequim e o Piano* (2005), cuja ação é localizada na cidade do Huambo nos primeiros tempos de paz efetiva. *A Casa do Rio* (2007) acompanha um angolano *retornado* a Portugal (onde nunca antes tinha posto os pés) que regressa à sua terra trinta anos depois de ser dela levado quase à força; começa em Luanda, desloca-se para o Huambo e segue em viagem até o Cunene, fronteira com a Namíbia. Em *Janela de Sónia* (2009) o cenário é Caála, e seus arredores, cidade próxima ao Huambo, e o romance se inicia nos primeiros tempos da independência, entre choques das forças do MPLA contra as da UNITA. Esses quatro volumosos romances, como podemos ver, começam por afastar-se de Luanda e buscar outros espaços, interiorizando-se pela geografia angolana.

Agora um novo romance veio se juntar a esses quatro: *Travessia Por Imagem*, publicado em 2012 e assunto desta resenha. Há, nele, uma diferença fundamental em relação aos anteriores. O movimento que agora se apresenta é para o exterior, para além das fronteiras de Angola. A primeira parte do livro (que constitui, note-se, quase um quarto do romance) acontece em Havana, Cuba, nos fins da década de 1980. O leitor sabe disso, porque um dos assuntos constantes de discussão entre os personagens são os

¹ Luiz Maria Veiga é doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na FFLCH/USP, sob orientação da professora doutora Rita de Cássia Natal Chaves.

² Todas as citações são da obra resenhada, doravante indicadas apenas pelo número da página.

rumos a que a *glasnost* (transparência) e a *perestroika* (reestruturação) de Gorbatchev poderão levar a União Soviética e como isso poderá afetar Cuba e também Angola.

Essa expansão para fora dos limites territoriais angolanos não se restringe a um mero deslocamento geográfico. Os personagens reunidos em Havana formam uma verdadeira babel internacionalista. Entre eles encontraremos Oscar Winiarski, um artista fotógrafo argentino de origem polonesa; Ortega, um octogenário romancista do Uruguai, antigo exilado político ali mesmo na ilha; Rosete, uma professora brasileira de literatura latino-americana; Pablo, um milionário mexicano, criador de leões (no México) e louco por Cuba; Sueli, outra viajante brasileira, antropóloga e jornalista; Dacha, uma pesquisadora húngara de literatura comparada; além de *don* Escobar, espécie de mestre de cerimônias, cubano, *barman* e especialista no jogo de dados.

O personagem principal é Zito (diminutivo de José), escritor angolano, estudante de arquitetura e funcionário graduado das Relações Exteriores, e o romance é a trajetória de sua crise em meio a tempos tão cambiantes, crise feita de perplexidades e incertezas políticas, existenciais e amorosas. Ele vai a Cuba como jurado de um concurso literário internacional (obviamente o *Prémio Casa de las Américas*), conhece e convive com o grupo acima mencionado, entre várias outras figuras. O relacionamento com as duas brasileiras e com a húngara tem suas diferenças: uma foge dele, outra se apaixona e outra empreende, só por diversão, uma espécie de ataque sexual contra ele (ou a favor?) na véspera da partida dela.

Desde o início da segunda parte o cenário passa a ser Luanda e nesse espaço decorrerá toda ação subsequente, exceto por outro episódio em Cuba (protagonizado pela sogra de Zito) e por uma espécie de epílogo, a curta (apressada?) sétima parte, em que o protagonista andar­á por Lisboa e por Gijón, no norte da Espanha, em novos episódios de sua vida literária.

Com o regresso a Angola, passamos a acompanhar o cotidiano doméstico, profissional e estudantil do escritor. Como estudante de arquitetura Zito pode ser enquadrado naquela categoria denominada nos meios acadêmicos *turista*, com frequência muito esporádica às salas de aula. No cotidiano conjugal ele reencontra Rocelana, a querida esposa, para quem fez versos no avião, mas a quem não pode contar todas as coisas que fez em Havana, nem pode mostrar todas as fotos da viagem, as esplêndidas fotografias, capazes de compor por si só uma narrativa, feitas com muita arte por Oscar e que Zito trouxe consigo. Parte das fotos ficará sob guarda de Edna, sua secretária no Departamento de Relações Exteriores, onde ele tem um cargo de diretor.

Há ainda, no cotidiano doméstico, o reencontro com a sogra, com quem ele se dá otimamente. Dona Vitória, mãe de Rocelana, sempre solta um enfático “é certa!” quando nomeada pelo genro, que invoca o nome da sogra com uma frequência exagerada só para ouvi-la responder a outra metade da conhecida palavra de ordem. O exagero poderá ser comprovado pelo leitor ao constatar quantas vezes a estiga é repetida ao longo da narrativa. Serve até (neste caso com uma carga emocional diferente) para fechar o romance.

Mesmo tendo refluído para Luanda, para dentro de Angola, os acontecimentos do romance ainda continuam afetados pelo sopro dos ventos da política internacional. Os abalos e as mudanças que acabariam por desmontar a União Soviética e o bloco socialista trazem consequências para a família de Zito e Rocelana. Eles têm um casal de filhos estudantes bolsheiros na Bulgária. Vlademiro estuda Medicina. A mãe não se preocupa com ele, pois seu diploma, acredita ela, ao contrário das associações médicas brasileiras (veja-se o recente imbróglio dos médicos cubanos), terá aplicação internacional. Mas a filha, Kátia, estuda Direito. Rocelana está muito abalada: com as mudanças pelas quais passa o mundo, que vai fazer a filha com uma formatura em Direito búlgaro e fluente em língua búlgara se ela não pretende ficar na Bulgária? Começa a mexer os pauzinhos para conseguir uma equivalência do curso da filha em Direito Internacional. O filho irá para Cuba, reforçar seu diploma com uma especialização na ilha.

Ao longo do romance vamos acompanhar a luta em defesa dos direitos do clã, comandada por Rocelana. Agora que não há mais República Popular nem socialismo como projeto social, já que “as coisas [...] em Angola [...] haviam começado a mudar antes da *Perestroika*” (p. 133), o objetivo a alcançar parece ser a prosperidade familiar. Percebe-se isso na iniciativa de Rocelana em abandonar o emprego público e procurar colocação na iniciativa privada, como funcionária executiva de uma instituição bancária. Isso é um choque para Zito, principalmente devido à diferença salarial que se estabelece, ele ganhando agora muito menos que a mulher. Tem medo de vir a ser considerado um *mata kassumuna*, ou seja, um marido ocupado em matar as formigas que tentam entrar no açucareiro. Só supera essa situação quando ele também vai trabalhar na iniciativa privada (sem abandonar de todo seu lugar de diretor nas Relações Exteriores), num escritório de arquitetura, onde é admitido mesmo sem ter concluído o curso. Também escreve um novo romance, *Geometria do Silêncio*, aproveitando sua experiência cubana. Pelas indicações que aparecem no texto o leitor percebe que o

romance dentro do romance espelha pelo menos parcialmente a narrativa que ele vem lendo.

Mas há outro episódio nas relações conjugais, domésticas, familiares, que merece menção. Nele o resto de orgulho machista que Zito mostrou diante da disparidade de rendimento entre os esposos não se manifesta. Ao retomar, por iniciativa dela, contato digital com Sueli, com quem vivera uma paixão-relâmpago em Cuba, e ao dizer a Rocelana que está escrevendo um romance a quatro mãos com uma brasileira, sofre um ataque fulminante da mulher e da filha, que lhe invadem o computador, destroem toda a correspondência dele com a brasileira (o suposto romance *in progress*), e ainda telefonam para Belo Horizonte, armando uma espécie de *telebarraco* em que além dos xingamentos são incluídas até ameaças de violência física caso a gaja tenha a petulância e o atrevimento de aparecer por Luanda, conforme anunciava. Ele, apesar de contrariado, submete-se, vendo-se acusado pela filha de tentar destruir a família. Só a sogra, Dona Vitória, ainda lhe dá algum apoio.

Vemos, no cotidiano e nas incertezas de Zito, nos episódios deste romance, no caráter dos personagens, algo que mais ou menos já havia aparecido nas outras obras mencionadas do autor. Uma espécie de esboço da gênese de uma elite angolana. Não é a elite mais poderosa, mas é, com certeza, parte de uma elite privilegiada. Este grupo, ao contrário daquela elite que aparece retratada em outras obras, como é o caso dos *Predadores* (2005), de Pepetela, não aparece como feroz, corrupto e corruptor, violento a ponto de cometer assassinatos e outros crimes. Compõe um grupo simpático, charmoso, interessado em arte e em cultura, mas também muito apegado à família, muito interessado em dinheiro, privilégios e boa vida. É o que o próprio Zito acaba por constatar, ao refletir sobre sua encrenca com a família:

não sei como é que os pobres e os que não são intelectuais costumam resolver estas makas, olha a minha estupidez, o problema deles é o sustento do dia-a-dia e não escrevem livros a quatro mãos, claro que estes nossos problemas são mesmo da pequena burguesia que, de um momento para o outro, já é mesmo uma burguesia, no que havíamos de acabar [...] (p. 366).

A nova posição social e as pretensões ao privilégio ficam bem caracterizadas numa fala de Kátia dirigida a Rocelana: “nós ainda temos antepassados de Portugal e da Índia, não é mãe?” (p. 375). Tais ares e fumaças aristocráticas pretendidas por esta nova burguesia angolana fazem com que nos venha à lembrança um personagem da primeira obra de ficção (*Regresso Adiado*, 1973) de Manuel Rui: Luís Alvim, o mulato de

sangue azul que dá título a um dos contos. Parece que Kátia, como o mulato de Benguela que se mudou para o Chinguar, também acredita ter sangue azul nas veias.

Para terminar, gostaríamos de fazer um reparo ao tratamento que o autor dá ao tempo em seu romance. Não chega a comprometer a riqueza textual, a complexidade temática, o humor (sempre muito acentuado, vide o trecho em epígrafe) e as reflexões que a obra é capaz de suscitar para lá de sua divertida leveza. Mas o descuido com o tempo aparece como um ruído no texto, pelo menos para o leitor mais atento. O romance começa num momento histórico determinado, como já assinalamos, a crise do bloco socialista que antecedeu o fim da União Soviética e se desenvolve com as mudanças de regime (sem mudança de governo) em Angola. Os acontecimentos no núcleo familiar, volta dos filhos, partida de Vlademiro para especialização em Cuba, casamento de Kátia, nascimento do primeiro filho (e neto), tudo isso permite calcular a passagem de uma meia dúzia de anos a partir da estada de Zito em Cuba.

Ou seja, se considerarmos que o romance se inicia por volta de 1989, ele continuará até a metade da década seguinte, 1995 ou, com boa vontade, 1996. Ora, acontece que o autor parece esquecer o tempo da ação do livro e passa a situar os acontecimentos na presente contemporaneidade. A ação do romance, a partir de um determinado ponto, parece acontecer no mesmo tempo em que o livro foi escrito, 2011, como está indicado na última página. Daí a presença de anacronismos no texto, como as referências ao MP3 (que só seria inventado em 1998) e ao filme *O Pianista* (que é de 2002) como coisas presentes ou lembranças distantes (respectivamente) no cotidiano de Zito.

Como dissemos, não compromete a qualidade do livro, só deixa no leitor a impressão de que o autor, talvez já cansado do trabalho de escrever, mostra-se menos rigoroso na conclusão do livro do que se mostrou nas páginas iniciais. Talvez para ele também servisse a estiga com que Rocelana ataca Zito quando lhe diz (p. 256): “[...] Ao que chegou a preguiça dos mangolé!”.

RUI, Manuel. *Travessia Por Imagem*. Luanda: Kilombelombe, 2012. 428 p..

manuel rui
*Travessia
por imagem*
(Romance)



 Editorial